MARCO DE CANAVESES
(Fandinhães / Paços de Gaiolo)

Fandinhães é uma localidade da antiga freguesia de Paços de Gaiolo, do concelho de Marco de Canaveses, distrito do Porto. Depois da reforma administrativa de 2013, a freguesia de Paços de Gaiolo foi agregada a outra localidade, passando a designar-se Penhalonga e Paços de Gaiolo. A capela de Fandinhães dista cerca de 11,5 km da sede de concelho. Sair do Marco de Canaveses pela rua da Tapadinha em direção à avenida Dr. Francisco Sá Carneiro; depois seguir pela avenida Futebol Clube do Porto e continuar pela rua da Searinha. Virar à direita para a rua Prof. José Maria Miranda Correia e continuar pela rua Boi Morto; na rotunda seguir pela rua de Montedeiras durante cerca de 2,5 km e depois virar à esquerda para a estrada CM1280. Prosseguir durante cerca de 3,7 km e a capela encontrar-se-á do lado esquerdo da estrada.

A capela de Fandinhães está implantada na serra de Montedeiras a cerca de 500 m de altitude, numa zona de forte declive, rodeada de campos de cultivo e de esparsas habitações rurais, no extremo norte da referida povoação de Fandinhães, estando, portanto, afastada dos canais de circulação paralelos aos cursos de água. Maria Leonor Botelho e Nuno Resende notaram já que na freguesia de Paços de Gaiolo, além de escassearem os núcleos humanos acima dos 400m de altitude, com exceção de Fandinhães, todos eles se situam nas vertentes sul e oeste do braço da serra de Montedeiras por onde ainda atualmente se distribui a maior parte da população desta freguesia.

A região do Baixo Tâmega, onde se localiza a freguesia de Paços de Gaiolo, pertencia ao território de *Anegia*, documentado desde 870, e cruzado por importantes caminhos que ligavam o norte e o sul do território. A antiga freguesia de Fandinhães, depois Paços de Gaiolo, pertenceu ao julgado de Benviver até 1853 sendo, entretanto, integrada no de Marco de Canaveses. Américo Costa, citando o *Minho Pitoresco*, acrescenta que "no monte de Fandiaes existe um castello ou castro muito arruinado, e ha tambem algumas campas no sitio de Pardieiros".

Capela de Nossa Senhora da Livração
Capela de São Brás / Igreja de São Martinho

Capela construída no século XIII e dedicada a São Martinho, pertencia então aos descendentes de um arquidiácono de Viseu. Atualmente apresenta uma configuração muito original pelo facto de apenas preservar a sua abside, convertida em capela, e os arranques daquilo que seria a sua nave. A configuração original deste edifício tem suscitado, por parte da historiografia, a formulação de várias hipóteses. De destaque, a opinião de Carlos Alberto Ferreira de Almeida que sugeriu que esta capela nunca tivesse sido terminada em virtude de a população se ter deslocado para lugares mais atrativos à fixação, nomeadamente para Paços de Gaiolo. Contudo, escavações recentemente realizadas identificaram os alicerces das paredes norte e sul da nave, na continuação do atualmente visível à superfície, bem como a existência de uma necrópole utilizada na época moderna e medieval naquilo que foi o seu espaço interior.

As Inquirições de 1220 não nos dão qualquer informação sobre o território onde se implantava a capela de São Martinho. Em 1258, integrava já o julgado de Benviver. Segundo Mendo Egas, prelado da igreja de Fandinhães, o rei nada possuía na paróquia e o padroado da igreja era detido pelo arcediago de Viseu e seus familiares, nomeadamente Afonso Ermígio, juiz. Os inquiridos acrescentaram que a igreja de Fandinhães tinha uma herdade foreira ao rei.

Nas Inquirições de 1288 é declarado que, na freguesia de São Martinho de Fandinhães, a aldeia de Paços era metade da sé do Porto e a outra metade do mosteiro de Tuias, trazendo-a por honrada e não entrando aí o mordomo do



Perspetiva geral da implantação da igreja a partir do sul

rei. Os inquiridos declararam que a metade da sé foi doada pela rainha D. Mafalda e a metade de Tuias por D. Châmoa Gomes. Ficou ainda registado que no lugar de Fandinhães havia três casais da igreja, que os defendia porque foram de fidalgos. As testemunhas acrescentaram que tinham ouvido dizer que em toda a aldeia costumava entrar o mordomo régio, mas que no tempo de D. Sancho II entrara aí o mordomo Soeiro Viegas e que matara o cavaleiro Vicente Viegas e que, desde então, não entrara mais nenhum mordomo. Pelas sentenças de 1290 é ordenado que os casais sejam devassos e que entre aí o mordomo régio.

Em 1302, Estevão Eanes e mais vinte netos de Pedro Aires, Martim Aires e Afonso Dias, por sua vez padroeiros e herdeiros da igreja de São Martinho de Fandinhães fazem doação do padroado da dita igreja a D. Geraldo, bispo do Porto, através do seu procurador Afonso de Paços. A igreja de São Martinho de Fandinhães é referida na listagem dos censos do Censual do Cabido do Porto, do século XIV. Segundo esta fonte, a igreja encontrava-se no arcediagado de Benviver, que era do mestre-escolado.

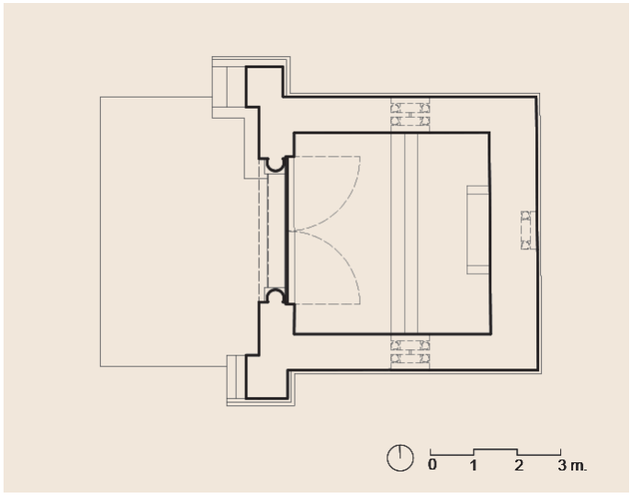
O Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, não refere especificamente uma igreja de Fandinhães. Apenas se reporta à igreja de *Faudaaes*, na Terra de Gouveia e Benviver, taxada em 100 libras. Como se constata pelo registo da contabilidade do coletor pontifício de 1371, que assenta o pagamento das coletas ao bispo, a igreja de Fandinhães surge aí referida na Terra de Benviver e *de Gennea* e lê-se *ecclesia de Fandinhaaes in primo termino IIIlb XV s; item in secundo III lb XV s*, segundo se lê na edição de Boisselier.

No século XVI, uma campanha de obras dotou a capela mor de azulejos mudéjares.

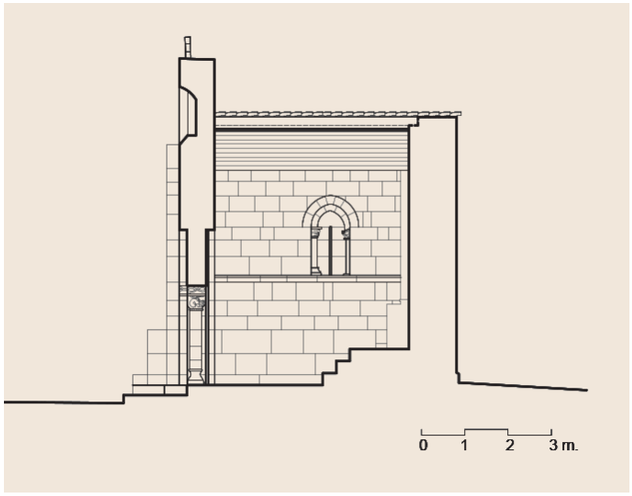
Carvalho da Costa, no início do século XVIII, atribui a origem do nome Paços de Gaiolo a um paço de um antigo príncipe mouro, familiar de Gaia. Segundo o referido autor, a localidade era abadia dos marqueses de Marialva. São Martinho de Fandinhães era curado anexo de Paço de Gaiolo.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, firmadas pelo pároco Manuel Machado de Carvalho, é declarado que a antiga matriz, dedicada a São Martinho, por estar num lugar deserto e numa serra muito "aspera" foi deslocada para a capela de São Clemente, na povoação ficando a administração da outra capela a cargo do abade de Paços de Gaiolo. Conforme esclarecem Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, em finais do século XVIII São Martinho e São Clemente constituem apenas uma freguesia.

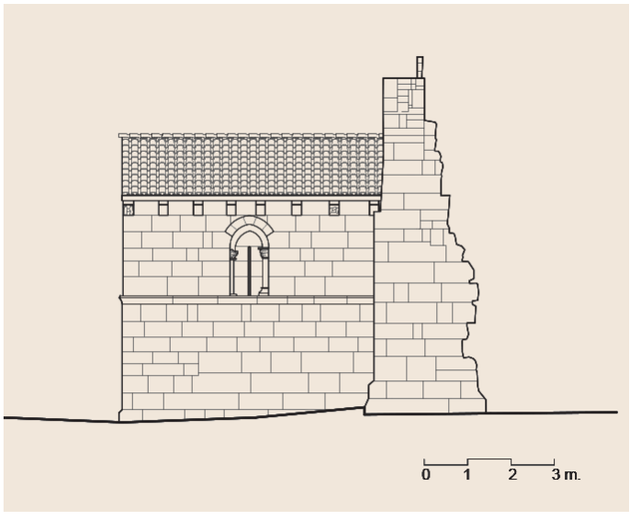
Nesse tempo, já apenas existia a capela-mor da antiga igreja matriz, o que confirma que o seu desmantelamento é anterior aos meados do século XVIII.



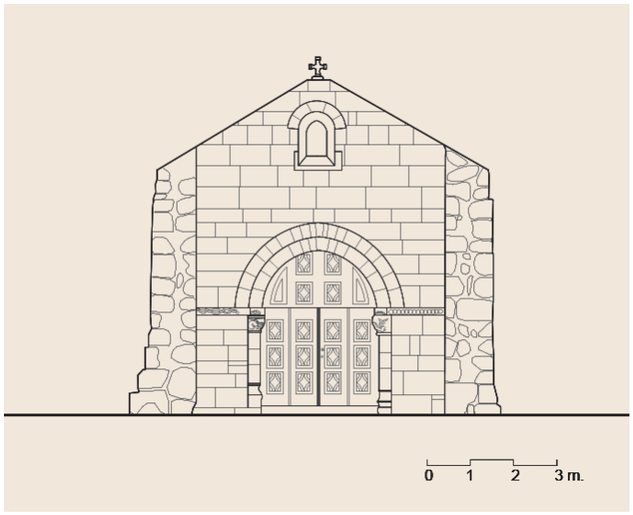
Planta



Corte longitudinal



Alçado norte



Alçado oeste

Em meados do século XIX a capela encontrava-se já em avançado estado de ruína, tendo o edifício sido parcialmente desmantelado e a pedra usada para a ampliação da igreja paroquial de São Clemente, de Paços de Gaiolo.

Em meados do século XX, Américo Costa cita o Minho Pitoresco que assinalava a "vetusta capella de S. Braz, de estylo bysantino, que se diz ter sido a primitiva matriz, interrogando ahi a lenda de uma imperfeita esculptura que existe sobre uma fresta e representa uma cobra a metter-se na bocca de hum homem".

Orientada, da românica igreja de Fandinhães remanesce hoje a sua cabeceira e arranque dos paramentos laterais da nave. Escavações arqueológicas recentes confirmam a sua planimetria primitiva. À cabeceira retangular acrescentar-se-ia uma nave única, retangular. A julgar pelos testemunhos remanescentes, a sua volumetria seria a característica do período românico, marcada pela diferenciação de cérceas. Assim, a abside seria não só mais baixa, como mais estreita que a nave. A cobertura é em madeira. Com a demolição da nave, cujos alicerces das paredes norte e sul foram identificados por escavação arqueológica, na continuação daquilo que remanesce atualmente visível à superfície. O arco triunfal foi encerrado por porta, passando assim a cumprir a função de portal principal e, consequentemente, a capela-mor passou a capela. Conservam-se ainda os arranques dos muros laterais da nave, rematados ao modo de ruína. A estrutura remanescente ostenta granito enformando aparelho pseudo-isódomo e a cobertura



Alçado este



Alçados este e norte



Alçado oeste

da capela é em telhado de duas águas. A meia altura, corre em todos os alçados da abside um friso de ressalto, sobre o qual se rasgam as frestas este, norte e sul.

Na parede testeira da cabeceira, voltada a este, encontramos uma fresta cuja ornamentação se mostra mais simples. O vão de iluminação é muito estreito, alargando para o interior da igreja. No paramento define-a um arco ligeiramente quebrado, com suas aduelas bem esquadriadas. No seu interior vemos um toro diédrico a cumprir a função de arquivolta e que assenta sobre pequenos colunelos de fuste liso, com seus capitéis ornamentados. Apesar do desgaste, é possível identificar no lado norte, ou seja, no lado esquerdo do observador, o tema das serpentes cuja cabeça, única, surge na esquina do capitel. Confrontante, no lado sul, o tema da figura humana cujas mãos se juntam na aresta do capitel.

É a fresta do lado sul da abside que apresenta um arranjo mais elaborado. No arco envolvente, quebrado e inscrito na espessura do próprio muro, vemos o tema das chamadas *beak-heads*. Trata-se de um motivo animalista, de importação anglo-saxónica e disseminado a partir da igreja de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), também presente noutras igrejas românicas da região do Baixo Tâmega. Disso são exemplo os exemplares identificados na fresta do panteão dos Resende em Santa Maria de Cárquere (Resende), no arco triunfal da igreja do Mosteiro de Tarouquela (Cinfães) ou no portal da torre da igreja do mosteiro de São Salvador de Travanca (Amarante). No arco interior da fresta, sob o toro diédrico, surgem aduelas ornadas por "ee" invertidos e um motivo que, embora desgastado, parece ser um denticulado ou um ziguezagueado. O toro diédrico assenta diretamente sobre os capitéis,





Alçado sul. Cachorros

dotados de colarinho, sem que exista imposta. Neste a ornamentação é vegetalista.

Cachorros tendencialmente lisos ou ornados com motivos geométricos, de secção quadrangular, logo tardia, sustentam uma cornija profunda. Neste alçado sul devemos destacar dois com figuração humana. Naquele que se encontra na extremidade do alçado, no ângulo criado com a parede fundeira, vemos uma figura que, pela sua posição e modo como se ajusta ao quadro, mais parece um atlante. No outro, que se encontra junto à parede testeira da nave, parece ser um testemunho do "exibicionista" que, também ao modo de atlante, suporta a parte superior do cachorro. Trata-se de um homem acocorado, representado nu, mas com a mão direita nos órgãos genitais e a mão esquerda no rosto. Este tema encontra-se, embora representado de forma invertida, na relativamente próxima igreja do mosteiro de Tarouquela, também na capela-mor e no seu lado sul, apesar de resguardado pela capela gótica de São João Baptista.

Ainda no alinhamento do arco triunfal, também a sul, persiste um cachorro de temática idêntica. Conforme indicaram Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, trata-se de um homem que segura com ambas as mãos a sua barba, representada de forma estilizada, recordando o desenho da tipologia identificada por Jaime Nuño González na igreja espanhola de San Martín de Elines (Cantabria) ou a figura da mísula que, do lado direito, sustenta o tímpano do portal principal da igreja do Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel). Naquilo que resta do primitivo paramento da nave, no lado sul, apenas sobressai a presença de uma mísula, a meia altura. Terá sustentado uma estrutura alpendrada.

O alçado norte da igreja tem um arranjo semelhante, mas mais contido. Os cachorros, apresentam uma ornamentação ora de sabor geométrico, de que se destaca uma meia esfera, rolos, simples figuras geométricas, ora historiada, formada por figuras humanas, algo estilizadas. A fresta, embora com configuração idêntica à do lado sul, é mais simples pois os elementos esculpidos restringem-se aos capitéis de temática vegetalista que sustentam o toro diédrico. Tal como no lado sul, também aqui vemos um cachorro que parece representar uma ave.

Atendendo ao facto de a nave ter sido desmantelada durante a época moderna, aquela que fora a parede fundeira da nave é hoje a fachada principal da pequena capela de Fandinhães. Terminando sob a forma de empena



Fresta sul



Adro. Pedras tumulares



Capitel do portal ocidental. Lado norte



Capitel do portal ocidental. Lado sul

triangular, entre esta e o atual portal principal, persiste a fresta voltada a nascente que iluminaria o corpo da nave. Está hoje tapada por um painel de azulejo policromo, recente, com a representação da Virgem com o Menino. O vão do arco, primitivo arco cruzeiro e hoje portal principal, permite perceber que a abside estava bastante encerrada à visibilidade dos fiéis, tal como na época românica se apreciava. O arco do portal é, portanto, composto por uma arquivolta lisa e algo quebrada, sustentada por volumosas colunas cujo fuste é enformado por tambores

cilíndricos. A imposta, ornada com motivos relevados diferenciados, como entrelaçados, espirais ligadas e círculos enlaçados, prolonga-se ao modo de friso pela atual fachada da capela. Permanecerá a dúvida se teria continuidade nos alçados internos da nave, nobilitando-a. Destacam-se os seus capitéis. A norte, no lado correspondente ao da Epístola do arco triunfal, vemos um capitel onde se representa o tema das serpentes cuja cabeça, única, surge na esquina do capitel. No lado do Evangelho representam-se duas figuras-atlantes de aresta que se apoiam em folhas salientes e que se identificam apesar da corrosão a que foram sujeitas desde a sua exposição às intempéries. O mesmo tema encontra-se num dos capitéis do arco cruzeiro da igreja de Abragão (Penafiel) e num dos capitéis do portal principal do Mosteiro de São Salvador de Travanca (Amarante), conforme referiram já Maria Leonor Botelho e Nuno Resende.

No adro da igreja e no espaço que outrora pertenceu à nave identificam-se vários elementos do período românico. De referir as peças avulsas, onde se destacam dois silhares que enformariam uma cornija sustentada por arquinhos. A presença deste motivo em Fandinhães comprova quão longe chegou a influência do estaleiro da Sé-Velha de Coimbra. De referir, também, a presença de duas lajes que identificam duas sepulturas. A de maiores dimensões tem gravada uma espada, bastante estereotipada: lâmina, guarda reta e punho. Na outra laje, mais pequena, foi desenhada uma simples cruz.

Da primitiva igreja românica resta, portanto, a abside, convertida em capela. De reduzidas dimensões, foi profundamente transformada na época moderna. Além do granito aparente, que convoca a origem românica da fábrica da igreja, prevalece desse período a presença de friso de ressalto a meia altura do paramento e no arranjo interno das frestas. Se a fundeira está oculta por retábulo classicizante, nas laterais podemos notar em ambos a presença do toro diédrico assente sobre capitéis figurados, sem imposta. No lado da Epístola repete-se num deles o motivo das serpentes que se unem numa só cabeça na esquina do capitel e que se confronta com outro que, apesar de uma composição idêntica, parece ter substituído a sua cabeça por rosto humano. No outro lado da abside, respeitante ao

Interior



Evangelho, uma figura de ave ocupa o quadro de um dos capitéis, com que se confronta um motivo vegetalista. Se no exterior esta fresta é a mais elaborada, também o é no interior onde, sob o toro diédrico, as aduelas têm o motivo encordoado relevado.

Atendendo aos vários dados históricos compulsados, mas também ao facto de encontrarmos em Fandinhães toros diédricos e capitéis sem imposta nas frestas da abside, propomos o século XIII como período provável para a edificação desta igreja. Os toros diédricos, enquanto elemento formal e decorativo, entram no românico português a partir da sé do Porto, disseminando-se depois por edifícios como a igreja do mosteiro de Travanca (Amarante) ou a igreja de Cabeça Santa (Penafiel), estes geograficamente mais próximos de Fandinhães. Também a presença da temática das *beak-heads* em Fandinhães comprova a cronologia tardia deste edifício e que não deve ser seguramente anterior a meados do século XIII. A julgar pelos vestígios remanescentes, esta igreja de Fandinhães seria, certamente, um edifício bastante elaborado.

A hoje capela de Fandinhães é um exemplo raro da alteração de orago. Inicialmente consagrado a São Martinho, o culto foi depois suplantado por São Brás, protetor de certas doenças, e posteriormente pelo culto mariano, no orago da Virgem da Livração.

Atualmente, apenas resta a capela-mor, de planta retangular, e o arranque dos muros laterais da nave.

Integra, desde 2010, a Rota do Românico, tendo sido sujeita a escavações recentes que identificaram os alicerces das paredes norte e sul da nave, na continuação do atualmente visível à superfície, confirmando assim o desmantelamento da nave românica da igreja, bem como as teses que propunham o aproveitamento dos seus silhares para a edificação da nova igreja matriz da freguesia antes de 1758. Contudo, não foi possível ainda reconstituir a dimensão final da nave. Conforme indicam os arqueólogos responsáveis, Mónica Corga, Hélder Mota e Luís Sousa, "apenas trabalhos numa área mais consequente e que abranjam toda a estratificação preservada poderão fornecer dados mais seguros acerca da configuração original do templo e das suas utilizações e alterações ao longo dos últimos séculos".

A capela de São Martinho de Fandinhães foi classificada como Monumento de Interesse Público em 2012.

Texto: MLB/JL - Fotos: MF/MS/RR - Planos: GM/MS/NB (sobre RR/MR)

Bibliografia

BOISSELLIER, S., 2012, pp. 133 e 286; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, pp. 175-177 e 578; CORGA, M. *et alii*, 2016; COSTA, A., 1929-49, VI, p. 551 e VIII, p. 966; COSTA, A.C., 1706-12, I, pp. 387-388; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 392-393; NUÑO GONZÁLEZ, J., 2006, p. 203; PATRIMÓNIO CULTURAL; PMH, INQ., pp. 1140-1142 (de 1258); PMH, INQ., 1288-91, pp. 133-134; ROSAS, L.M.C. e PIZARRO, J.A., 2009, pp. 81-116; ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, 1, pp. 377-393; SIPA.